

Sociedade, literatura e contingência

Society, literature and contingency

José Francisco dos Santos

E-mail: zezinho.filosofia@gmail.com

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP.

Matêus Ramos Cardoso

E-mail: teus33@yahoo.com.br

Especialista em Ética e Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes-RJ. Pós-Graduando em Sociologia e Antropologia pela Universidade Cândido Mendes-RJ.

Resumo

Segundo Richard Rorty, há um declínio das filosofias tradicionais na tentativa de oferecer algum caminho seguro para tentar dizer a verdade sobre a realidade, cedendo lugar à ideia de cultura literária como redentora da humanidade. Para este filósofo há uma proposta que é a de perceber que, nos últimos 200 anos, a literatura teve mais poder para sensibilizar a humanidade diante de suas crises, mais força do que pensamentos filosóficos “densos”. Desta maneira, a problemática do artigo leva a se abrir à discussão para a perspectiva da sensibilidade, à multiplicidade do universo da sensibilidade, das relações, relacionando-se também com o universo cultural. Como resultado, percebe-se que são as nossas diversas e múltiplas linguagens que dão sustentação ao mundo. Por isso, como conclusão, há a necessidade de chamar a atenção para a cultura literária, que, por sua vez, tem condições de oferecer muitas alternativas que ampliam nossa concepção de mundo, apresentando uma variedade de ideias e concepções.

Palavras-chave: Richard Rorty, verdade, realidade, cultura literária.

Abstract

According to Richard Rorty, there is a decline of traditional philosophies in an attempt to offer some sure path to try to tell the truth about reality, giving way to the idea of literary culture as the redeemer of humankind. For this philosopher there is a proposal that is to realize that, in the last two hundred years, literature has had more power to sensitize humankind in the face of its crises, more strength than “dense” philosophical thoughts. In this way, the problematic of the article leads to an opening of the discussion to the perspective of sensitivity, to the multiplicity of the universe of sensitivity, of relationships, also relating to the world of culture. As a result, one realizes that it is our many and multiple languages that give sustenance to the world. Therefore, as a conclusion, there is a need to draw attention to literary culture, which, in turn, can offer many alternatives that broaden our conception of the world, presenting a variety of ideas and conceptions.

Keywords: Richard Rorty, truth, reality, literary, culture.

Introdução

Em nossa realidade atual, alunos, professores podem ser apenas pessoas que passam o olhar sobre as palavras e nada mais fazem: eis os “letores”. Não há, neste sentido, um aprofundamento naquilo que se lê, não há uma reflexão, pois ler é ver e descobrir por entre as linhas o que o simples olhar rápido não revela. Uma leitura assim é como um alimento não digerido: “Assim, sua cabeça é semelhante a um estômago e a um intestino dos quais a comida sai sem ser digerida” (Schopenhauer, 2012, p. 22).

Mais do que nunca, ler foi tão importante, uma maneira de lidar com a contingência da realidade, com o número de incertezas, de conhecimentos que estão sempre num “devir”.

Para esta discussão é necessário entender a leitura como arte:

É verdade que para praticar a leitura como “arte”, é necessário, antes de mais nada, possuir uma faculdade hoje muito esquecida [...], uma faculdade que exige qualidades bovinas e não as de um homem moderno, ou seja, a ruminação (Nietzsche, 2009, p. 23).

É importante perceber aqui uma relação com a nova natureza do trabalho, ou seja, trabalhar não é apenas concluir tarefas, trabalhar é também entender que toda atividade intelectual é parte de um fluxo de conhecimentos que não para de crescer. E isso só pode ser feito numa perspectiva na qual, por exemplo, a educação não seja feita de uma imposição, de cima para baixo. Cabe lembrar que a perspectiva socrática não refutava por refutar. A sua ironia tinha por finalidade purificar o pensamento de seus apegos mortais, dos diferentes dogmatismos, da prisão do falso saber. A missão de Sócrates é promover no homem a investigação em torno do homem. Para Sócrates, o diálogo é a essência do pensamento, e, para ele, o diálogo está dentro do método socrático, do qual a ironia e a maiêutica são elementos necessários. Assim, com suas perguntas, Sócrates deixava embaraçado e perplexo todo aquele que acreditava ter segurança de suas respostas, e com isso levava seus interlocutores a verem novos problemas, novas perspectivas.

Através deste método, Sócrates buscava desfazer a máscara que os cidadãos de Atenas possuíam, e mostrar que escondiam sua verdadeira face, apresentando apenas uma fina superfície, um verniz da verdade. Por isso, ele atacava a vaidade das opiniões enraizadas nos dogmas, mas não necessariamente dava uma resposta. Assim, aquele que era interrogado era posto no caminho da solução, para que mesmo a encontrasse. Tal solução era uma tarefa difícil, porque exigia muito tempo de conversação. E, assim, pode-se até arriscar a dizer que Sócrates não lecionava aos seus discípulos, mas unia-os através da conversação, da discussão, guiando-os, e abrindo caminhos, orientando-os, para que buscassem sozinhos a verdade. Sócrates teve contato com os Sofistas, e há um ponto interessante neste encontro. A grande diferença é que Sócrates acreditava poder chegar à verdade, uma vez que ele acreditava que era possível existir leis e valores universais. Já para os Sofistas todo e qualquer valor era subjetivo, reinando assim o relativismo. Penso ser fantástica essa tomada de posição na qual a dialética é limitada. Ela retira de cena uma perspectiva própria de nossa condição humana, a contradição. E pode estar expulsando exatamente a parte fundamental para a chegada de uma afirmação filosófica mais clara. Não poderia deixar de concordar com o argumento de que “toda verdade é apenas circunstancial, histórica”.

Para isso nada melhor que uma reflexão na perspectiva rortyana. Segundo Rorty, não devemos pensar o mundo como possuidor de uma natureza que seja intrínseca, uma essência, algo que lhe seja subjacente, incluindo nisso o próprio ser humano. Para ele, a verdade não é algo que está aí para ser descoberto. Neste sentido, a contingência, além de ser compreendida como constante movimento, também deve ser compreendida como incompletude. O mais interessante é que, para Rorty, isso ocorre porque

não há nada para ser completado. Portanto, o máximo que podemos fazer é nos mantermos abertos para revisar e expandir nossa linguagem, redescobrimo nossa contingência.

Conforme o filósofo Richard Rorty, nos últimos 200 anos, a literatura teve mais poder para sensibilizar a humanidade diante de suas crises, mais força do que pensamentos filosóficos “densos”, abrindo-se à discussão para a perspectiva da sensibilidade, à multiplicidade do universo da sensibilidade, das relações, relacionando-se também com o universo cultural. Para este pensador, “O mundo em si [...] não pode sê-lo” (Rorty, 2007, p. 28), pois, para que o mundo seja, são necessárias atividades descritivas da humanidade. Porque, segundo Rorty, são as nossas diversas e múltiplas linguagens que dão sustentação ao mundo. Por isso, ele quer chamar a atenção para a cultura literária, que, por sua vez, tem condições de oferecer muitas alternativas que estendem nosso “vocabulário final”. Com isso, fugimos da ideia de que o “mundo” ou o “eu” tenham uma natureza intrínseca e enfrentamos a contingência da linguagem que usamos, a partir do “[...] reconhecimento da contingência da linguagem que usamos” (Rorty, 2007, p. 35).

O que nos dispomos a fazer aqui é refletir sobre a leitura, a escrita, para que possam ser concebidas como elementos emancipatórios numa sociedade cada vez mais ampla, ou seja, cheia de uma multiplicidade de concepções sobre a vida, sobre a sociedade, sobre as crenças religiosas, sobre como devemos ou não viver e carregada de pensamentos sempre mais antagônicos.

Literatura e redescrição da realidade

Esta pesquisa busca explorar e aprofundar uma percepção de homem e de mundo que já havia começado, segundo Rorty, com pensadores como Nietzsche, Heidegger e Derrida, ao apresentar uma nova proposta de pensamento, no qual ocorre a vitória da poesia sobre a filosofia, indicando que a literatura tem um poder fundamental nos tempos atuais. Nessa perspectiva, fica ressaltada a ideia da redescrição como meio privilegiado do trabalho intelectual. Essa capacidade de, em primeiro lugar, redescrever-se passa pela capacidade de duvidar de si mesmo, de estar sempre fazendo e refazendo a si mesmo. Isso nos leva a pensar a proposta de Rorty como um *projeto*, pelo qual os vocabulários disponíveis são sempre passíveis de mudanças e adaptações. Ao analisarmos o conceito de contingência de Richard Rorty, deparamo-nos com uma argumentação que nos oferece a noção na qual “A verdade não pode ser dada” (Rorty, 2007, p. 28). O autor não busca uma verdade *já existente*, mas uma utopia que leve o ser humano a estar sempre se redescobrimo. Verdade é apenas uma palavra-função da nossa linguagem, uma propriedade

de entidades linguísticas chamadas frases. Portanto, quando interpretamos a realidade, podemos redescobri-la, e a perspectiva linguística pode realizar tal tarefa. Por isso, é necessário alargar nosso vocabulário, uma vez que, diante de uma realidade tão vasta, a escrita e a reflexão propõem compreender o mundo e a si mesmo.

Conhecer é o primeiro passo necessário para começar a mudar qualquer realidade, afinal, não existe experiência de mudança social e política que não tenha que trilhar os caminhos passando pelo aprofundamento da consciência sobre a realidade. Neste sentido, a literatura promove a possibilidade de uma nova percepção da realidade, que, diante de problemas sociais, políticos econômicos, serve como ferramenta na busca de um mundo novo. Isso ocorre porque a experiência de contato com diversos autores e suas linguagens atua sobre a consciência, incentivando a criatividade e desenvolvendo horizontes de possibilidades. Tal ideia é abrangente e diz respeito a todo tipo de mensagem que leve o indivíduo para dentro e para fora de si, longe do “status quo”, não aceitando a realidade de maneira passiva. Por isso, temos o que Rorty chamaria de “o declínio da verdade redentora e a ascensão da cultura literária”.

Conforme Rorty, a religião propõe uma redenção através de uma relação com um ser transcendente que, ao mesmo tempo, tem poder para criar e salvar. Na filosofia, tal mudança ocorre através da aquisição de crenças “corretas”, buscando compreender como a realidade é. Já a cultura literária apresenta a possibilidade de redenção através de um contato intenso e amplo com os seres humanos, aumentando a rede de contatos, de maneira a não buscar uma “crença verdadeira”, o que estagnaria o pensamento, fechando-o em si mesmo. Com isso, até mesmo a religião e a filosofia passam a ter uma nova compreensão, sendo percebidas apenas como gêneros literários, materiais para o consumo intelectual. Logo, o intelectual seria aquele que lê a maior gama de livros possível, na busca de encontrar respostas, soluções para questões humanas, promovendo uma nova autoimagem da humanidade. Mas qual o motivo de ser de uma cultura literária em Rorty? Ora, é pelo fato de que neste âmbito não se aceita uma essência, uma natureza intrínseca, uma “humanidade comum” entre os seres humanos, mas que existem tantas possibilidades para “ser” um ser humano quanto há humanos. Para este filósofo, a busca está direcionada para um autoconhecimento, uma “verdade” que indique possibilidades de nos orientar para quais atitudes tomar em relação a nós mesmos. Uma cultura assim seria a bússola que nos guiaria. Ler é o caminho para alcançarmos ideais, como deveríamos viver melhor, ou que futuro buscamos. Assim, tomamos contato com muitas alternativas e não ficamos presos a um vocabulário. Isso ocorre para todo aquele que valoriza a autonomia na construção de si mesmo.

Segundo Rorty, “gente comum não lê livros para buscar novos propósitos. Quem faz isso são os intelectuais” (Rorty, 2007, p. 75). E intelectual não significa ser melhor que o que não lê, mas aquele que está sempre em rumo a novas e variadas possibilidades de existência. Desta maneira, podemos argumentar que nas sociedades democráticas a melhor maneira de garantir o direito à vida em sociedade, à participação nas discussões e vida política, a uma discussão pública, é através da autocriação fomentada por tal desempenho através do contato com os mais variados textos. Esta é a melhor maneira cultural de garantir tais direitos. Para este pensador, uma cultura assim não pode ser restrita a um livro, a uma visão de mundo e de ser humano, da mesma maneira que nenhum argumento solitário de um texto, artigo, pode dar conta de todas as questões existentes. O todo não pode ser dito de maneira única. Então, uma proposta de uma cultura literária age de tal modo que possibilita o cuidado com a liberdade, a diversidade e a tolerância.

Rorty diz que poesia é todo conjunto de conhecimentos adquiridos que nos permite encontrar um vocabulário capaz de estender nossa visão de “nós” a toda realidade que percebíamos como sendo estranha a nós. Portanto, tais conhecimentos possibilitam superar as diferenças através do encontro com os diferentes. Assim, a literatura tem o poder de redimensionar nossas respostas, revendo nossa sensibilidade a tudo o que é diferente, percebendo as peculiaridades da vida humana de tal maneira que possamos ver o outro como um de nós, lendo, redescrivendo e “sendo”.

Literatura, contingência e originalidade

Através da literatura, busca-se um caminho no qual se volte o olhar para as capacidades humanas sem qualquer relação com um ser transcendente, e a importância de se perceber a necessidade de autocriação, que é própria de cada ser humano, na busca de recusar a influência de um Deus supramundano. A literatura contribui para lidar com a multiplicidade de concepções, num mundo fragmentado.

Podemos ancorar tal reflexão na argumentação de Schopenhauer, quando ele diz que “[...] a verdadeira formação para a humanidade exige universalidade e uma visão geral; [...] precisa reunir em sua cabeça as extremidades mais afastadas da vontade humana” (Schopenhauer, 2012, p. 31).

Nesse sentido, o literato não pode ser superficial e meramente um especialista:

Também é possível comparar o especialista com um homem que mora em sua casa própria, mas nunca sai dela. Na casa, ele conhece tudo com exatidão, cada degrau, cada canto e cada viga, como, por exemplo, o Quasímodo.

do de Victor Hugo conhece a catedral de Notre-Dame, mas fora desse lugar tudo lhe é estranho e desconhecido (Schopenhauer, 2012, p. 31).

Conforme o filósofo Schopenhauer, a peruca pode nos ajudar a entender a postura de alguns educadores. “O pensamento de alguns educadores também é como uma bela peruca. Ele é belo, mas não é seu!” Com isso temos uma postura de alguns educadores que se resumem em

[...] ensinar e escrever coisas em que na verdade não acredita, rastejar, adular, tomar partidos e fazer camaradagens, levar em consideração ministros, gente importante, colegas, estudantes, livreiros, críticos, em resumo, qualquer coisa é melhor do que dizer a verdade e contribuir para o trabalho dos outros [...] (Schopenhauer, 2012, p. 27).

Com o tempo, restarão educadores que perdem o efeito de “suas” ações, pois são meros repetidores.

Acredito que, mais uma vez, Rorty pode nos ajudar a pensar, fornecendo uma maneira de percebermos a interdisciplinaridade como uma maneira não hegemônica do conhecimento ser transmitido, o que levaria a uma mudança no pensamento do “poder ser transmitido”. Interessante percebermos que um país se constrói com homens e livros. Isso não garante que todos os literatos irão mudar necessariamente a realidade, mas gera uma maior possibilidade de, ao conhecer o mundo que está ao nosso redor, poder mudá-lo.

Assim, “a palavra ‘literatura’ abarca hoje praticamente qualquer tipo de livro que se possa imaginar que tenha relevância moral – que se possa imaginar que altere o sentido do que é possível e importante” (Rorty, 2007, p. 147). E isso ocorre porque para Rorty isso levaria à possibilidade de, ao entrar em contato com os críticos literários, termos uma gama maior de possibilidades, pois tais críticos têm excepcionalmente uma visão ampla de conhecimentos, de teoria, ideias. Não significa que tenham um acesso especial à verdade moral, mas, como diz Rorty, por serem “rodados”, ou seja, eles leram mais livros e têm melhores condições de não estarem presos a um único vocabulário, a uma hegemonia ideológica.

Acredito que, ao compreender a definição rortyana de ironista liberal, podemos avançar mais neste assunto:

Definirei o “ironista” como alguém que satisfaz três condições: (1) tem dúvidas radicais e contínuas sobre o vocabulário final que usa atualmente por ter sido marcado por outros vocabulários, vocabulários tomados como finais por pessoas ou livros que ele deparou; (2) percebe que

a argumentação enunciada em seu vocabulário atual não consegue corroborar nem desfazer estas dúvidas; (3) na medida que filosofa sua situação, essa pessoa não acha que seu vocabulário esteja mais próximo da realidade do que outros, que esteja em contato com uma força que não seja ele mesmo. Os ironistas que se inclinam a filosofar vêem a escolha entre os vocabulários como uma escolha que não é feita dentro de um metavocabulário neutro e universal, nem tampouco por uma tentativa de lutar para superar as aparências e chegar ao real, mas simplesmente como jogar o novo contra o velho (2007, p. 134).

Para este pensador, o ironista é aquele que percebe “[...] que qualquer coisa boa ou má pode ser levada a parecer boa ou má, ao ser redescrita [...]” (Rorty, 2007, p. 134). Ou seja, o ironista está sempre consciente de que, ao redescrever sua realidade, ele tem a noção da contingência e fragilidade dos vocabulários finais, usados pelo mesmo e, conseqüentemente, uma noção contingente do seu eu, da verdade e do mundo.

Conclusão

O conhecimento é o mais potente dos afetos: somente ele é capaz de induzir o ser humano a modificar sua realidade. Foi assim que o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) resumiu o poder que o ato de conhecer tem sobre a vida de um indivíduo. Séculos antes, mais precisamente no século XVII, outro filósofo muito conhecido, Baruch Spinoza (1632-1677), enunciava afirmação semelhante. Também o pensador holandês acreditava que no conhecimento a humanidade encontraria a mais forte fonte de transformação social.

No pensamento contemporâneo parece existir, segundo Rorty, uma crise ao se falar sobre verdade, uma vez que o filósofo não pode mais pretender saber algo sobre o conhecimento que ninguém mais sabe tão bem. Conforme este pensador, tal crise seria advinda do problema do dualismo corpo-mente, mundo externo e mundo interior, e da noção tradicional de verdade. Para este pensador, os grandes sistemas filosóficos e o caráter fundacional da filosofia em relação a outros saberes acabaram sendo superados.

Desta maneira, a linguagem é simplesmente vista como algo “útil para explicar o sucesso da inquirição, exatamente como um mapa tem sucesso se corresponde de um modo apropriado a uma porção particular da terra” (Putnam *apud* Rorty, 1988, p. 293).

Ocorre que ao ler, tenho estímulos para escrever, e o mais importante, refletir. Ora, refletir é, então, criar espaços de diálogos porque toda vez que estendo meu conhecimento nos mais variados vocabulários, inclinndo-me a uma “cultura literária”, tenho a possibilidade de

‘construir’ casas para abrigar as angústias, as dúvidas, é uma espécie de proteção à nudez da nossa contingência.

As palavras nos permitem sermos homens e mulheres de partidas, buscando sempre mais nossa incompletude.

Referências

- NIETZSCHE, F.W. 2009. *Genealogia da moral*. 3ª ed., São Paulo, Editora Escala.
- RORTY, Richard. 2007. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo, Martins Fontes.
- RORTY, Richard. 1988. *Filosofia, espelho da natureza*. Lisboa, Dom Quixote.
- SCHOPENHAUER, A. 2012. *A arte de escrever*. Porto Alegre, L &PM.

Artigo submetido em 03-06-2015

Aceito em 26-01-2017